

O Livro de Daniel - Número Trinta e Nove

Desvendando a Tapeçaria Profética: O Sonho de William Miller e a Restauração das Verdades Fundamentais nos Últimos Dias

Jeff Pippenger

2024-01-03

Estamos considerando a aplicação profética do sonho de William Miller nos últimos dias, que é onde todas as profecias encontram seu cumprimento perfeito. O sonho de Miller identifica a descoberta, o estabelecimento, a rejeição, o sepultamento e a restauração das verdades fundamentais do Adventismo que foram reunidas por meio do ministério de Miller. Essas verdades fundamentais representavam as verdades que foram deslacradas em 1798. Essas verdades são representadas pela visão do rio Ulai. O sonho de Miller, conforme registrado no livro Primeiros Escritos, foi seu segundo sonho, e o sonho havia sido tipificado pelo segundo sonho de Nabucodonosor, assim como o próprio Miller havia sido tipificado por Nabucodonosor.

Artigos anteriores já demonstraram como a conclusão dos "sete tempos" em que Nabucodonosor viveu com o coração de uma besta terminou simbolicamente em 1798. Seu reino então foi restaurado e, pela primeira vez, Nabucodonosor representou um homem plenamente convertido. Em termos do "tempo do fim", em 1798, ele representou os "sábios". Também identificamos que, como primeiro rei da Babilônia, o juízo dos "sete tempos" de Nabucodonosor tipificou o juízo dos dois mil quinhentos e vinte de Belsazar (mene, mene, tekel, upharsin), que foi o último rei da Babilônia.

"Ao último governante da Babilônia, como, em tipo, ao seu primeiro, chegara a sentença do Vigilante divino: 'Ó rei, ... a ti se diz: Passou de ti o reino.' Daniel 4:31." Profetas e Reis, 533.

Irmã White identificou Belsazar, em sua hora do juízo, como o "rei insensato". Na conclusão da hora do juízo de Nabucodonosor, ele representa o "rei sábio", pois foi beneficiado pelo juízo de "sete tempos", e Belsazar, embora conhecesse a história, recusou-se a ser beneficiado.

Mas o amor de Belsazar pela diversão e pelo autoengrandecimento apagou as lições que ele jamais deveria ter esquecido; e cometeu pecados semelhantes aos que trouxeram juízos notáveis sobre Nabucodonosor. Desperdiçou as oportunidades que lhe foram graciosamente concedidas, negligenciando fazer uso das que estavam ao seu alcance para vir a conhecer a verdade. "Que devo fazer para ser salvo?" era uma pergunta que o grande, porém insensato, rei deixou passar indiferentemente. Bible Echo, 25 de abril de 1898.

Nabucodonosor é um símbolo dos "sábios" em 1798, que entendem o aumento do conhecimento no tempo do fim.

A orgulhosa jactância mal havia saído de seus lábios, quando uma voz do Céu lhe disse que chegara o tempo determinado por Deus para o juízo. Num instante, sua razão foi-lhe tirada, e ele se tornou como um animal. Por sete anos ficou assim degradado. Ao fim desse tempo, sua razão lhe foi restaurada e, então, erguendo os olhos com humildade ao grande Deus do Céu,

reconheceu a mão divina nesse castigo e foi novamente restituído ao seu trono.

Em uma proclamação pública, o rei Nabucodonosor reconheceu sua culpa e a grande misericórdia de Deus em sua restauração. Este foi o último ato de sua vida, conforme registrado na História Sagrada. Review and Herald, 1º de fevereiro de 1881.

Ao final dos "sete tempos" de Nabucodonosor, ele fez uma proclamação pública, que incluiu uma confissão pública. Miller, como Nabucodonosor, simboliza os "sábios" em 1798, que compreendem o aumento do conhecimento no tempo do fim. Ambos tiveram dois sonhos, e os respectivos segundos sonhos de ambos identificam simbolicamente os "sete tempos". Os "sete tempos" foram demonstrados em artigos anteriores como marcando um ponto de transição.

Em 1798, Nabucodonosor marca uma transição de sua condição orgulhosa para a condição dos sábios. Isso incluiu sua confissão pública. 1798 também foi o ponto de transição entre o quinto e o sexto reino da profecia bíblica. Também marcou a chegada do primeiro anjo, marcando assim uma nova dispensação, pois a advertência do juízo vindouro não poderia ocorrer até que o quinto reino da profecia bíblica tivesse recebido sua ferida mortal.

A própria mensagem lança luz quanto ao tempo em que esse movimento há de ocorrer. Declara-se que é parte do 'evangelho eterno'; e anuncia a abertura do juízo. A mensagem de salvação tem sido pregada em todas as eras; mas esta mensagem é uma parte do evangelho que só poderia ser proclamada nos últimos dias, pois somente então seria verdade que havia chegado a hora do juízo. As profecias apresentam uma sucessão de eventos que conduzem à abertura do juízo. Isso é especialmente verdadeiro no livro de Daniel. Mas quanto à parte de sua profecia que dizia respeito aos últimos dias, foi ordenado a Daniel que a encerrasse e a selasse 'até ao tempo do fim'. Só quando chegássemos a esse tempo poderia ser proclamada uma mensagem acerca do juízo, baseada no cumprimento dessas profecias. Mas, no tempo do fim, diz o profeta, 'muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará'. Daniel 12:4.

"O apóstolo Paulo advertiu a igreja para que não aguardasse a vinda de Cristo em seu tempo. 'Aquele dia não virá', diz ele, 'sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado.' 2 Tessalonicenses 2:3. Só depois da grande apostasia e do longo período do domínio do 'homem do pecado' é que podemos aguardar o advento de nosso Senhor. O 'homem do pecado', que também é denominado 'mistério da iniquidade', 'filho da perdição' e 'o iníquo', representa o papado, que, conforme predito na profecia, deveria manter sua supremacia por 1260 anos. Esse período terminou em 1798. A vinda de Cristo não poderia ocorrer antes desse tempo. Paulo, com sua advertência, abrange toda a dispensação cristã até o ano de 1798. É depois desse tempo que a mensagem da segunda vinda de Cristo deve ser proclamada."

Tal mensagem jamais foi dada em eras passadas. Paulo, como vimos, não a pregou; apontou seus irmãos para o então longínquo futuro no que diz respeito à vinda do Senhor. Os Reformadores não a proclamaram. Martinho Lutero situou o juízo cerca de trezentos anos no futuro a partir de sua época. Mas desde 1798, o livro de Daniel tem sido deslacrado, o conhecimento das profecias tem aumentado, e muitos têm proclamado a solene mensagem do juízo próximo. O Grande Conflito, 356.

Em 1798, chegou uma nova dispensação da obra da salvação, e essa nova dispensação deu uma advertência de que outra dispensação começaria em 1844. Naquela mudança de dispensação, uma porta seria fechada e outra seria aberta.

E ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre: Conheço as tuas obras; eis que pus diante de ti uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; porque tens pouca força, e guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome. Apocalipse 3:7, 8.

A abertura de uma porta marca uma nova dispensação. Houve uma mudança dispensacional de reinos e de mensagem em 1798, no fim da primeira indignação, que se cumpriu de 723 a.C. até 1798. Houve também uma mudança dispensacional em 1844, no fim da última indignação, que se cumpriu de 677 a.C. até 1844. Em 1798, chegara a dispensação da mensagem do primeiro anjo, que advertia sobre o juízo que se aproximava. Tanto Nabucodonosor quanto Miller são representados como os “sábios”, no “tempo do fim”, quando “a porta” foi aberta para a dispensação interna da mensagem do primeiro anjo e para a mudança dispensacional externa da besta do mar para a besta da terra. A dispensação da mensagem do primeiro anjo foi cumprida quando a porta do Lugar Santíssimo foi aberta em 22 de outubro de 1844, e chegaram a dispensação do terceiro anjo e o juízo investigativo.

O segundo sonho de Miller começa quando uma porta foi aberta em 1798 e termina quando uma porta foi aberta no período de transição das “duas testemunhas”, que são trazidas de volta à vida a fim de proclamar a mensagem do Clamor da Meia-Noite. Profeticamente, tanto Nabucodonosor quanto Miller representaram a transição do reino da besta do mar para o reino da besta da terra em 1798. Ambos representam o anúncio da aproximação e da chegada do juízo investigador em 1844. 1798 e 1844 representam a conclusão da primeira e da última “indignação” de Deus contra Seu povo, que se cumpriu ao longo do período de “sete tempos”, conforme exposto em Levítico vinte e seis. Os quarenta e seis anos de 1798 até 1844 representam a edificação do templo espiritual ao qual o mensageiro da aliança veio subitamente em 22 de outubro de 1844, quando Cristo passou do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo.

1798 e 1844 identificam transições (mais de uma) que são marcadas pelos “sete tempos”. A transição do Adventismo Milerita de Filadélfia para o Adventismo Milerita de Laodiceia, em 1856, também foi marcada por um aumento do conhecimento sobre os “sete tempos”, conhecimento que depois foi rejeitado em 1863. Em 1798, houve um aumento do conhecimento a partir do livro de Daniel, que incluía os mesmos “sete tempos” de Levítico vinte e seis, que seriam rejeitados no fim do Adventismo Milerita de Filadélfia.

A transição do movimento do primeiro anjo de Filadélfia para Laodiceia foi representada pelos sete anos de 1856 a 1863. A mensagem laodiceana chegou em 1856 e, por sete anos, a nova luz dos "sete tempos", que haviam sido deslacrados, produziu um processo de prova em três etapas, no qual o adventismo foi reprovado em 1863. Foram concedidos sete anos para que a luz dos "sete tempos" fosse aceita ou rejeitada. A transição do movimento do Adventismo Milerita de Filadélfia para o Adventismo Milerita de Laodiceia tipifica a inversão da sequência no fim: a transição do

movimento laodiceano do terceiro anjo para o movimento de Filadélfia do terceiro anjo.

A profecia dos sessenta e cinco anos de Isaías marca o início da primeira e da última indignação de Deus contra o reino do norte e, depois, o do sul de Israel.

Porque a cabeça da Síria é Damasco, e a cabeça de Damasco é Rezim; e, dentro de sessenta e cinco anos, Efraim será quebrantado, para que deixe de ser povo. Isaías 7:8.

A profecia de Isaías sobre sessenta e cinco anos foi dada em 742 a.C., e, dentro de sessenta e cinco anos, o reino do norte deixaria de existir. Dezenove anos após 742 a.C., em 723 a.C., o reino do norte foi levado ao cativeiro pela Assíria. Ao término dos sessenta e cinco anos, a indignação do reino do sul começou em 677 a.C., quando Manassés foi levado cativo pelos babilônios. Portanto, os sessenta e cinco anos representam um período de dezenove anos até o primeiro cativeiro do reino do norte, e depois mais quarenta e seis anos até o cativeiro de Manassés.

Essas profecias tiveram seus respectivos cumprimentos em 1798, 1844 e 1863. Em 1798, ocorreu uma transição interna da mensagem de salvação com a chegada do primeiro anjo, e também ocorreu uma transição externa nos reinos da profecia bíblica. Em 1844, ocorreu uma transição interna da mensagem de salvação, quando a porta do Lugar Santo foi fechada e teve início o juízo investigativo, com a chegada do terceiro anjo. Em 1863, ocorreu uma mudança externa, quando ambos os chifres da besta da terra se dividiram em duas classes.

O chifre republicano dividiu-se nos dois partidos políticos que passariam a dominar a história da besta da terra a partir de então. O chifre protestante dividiu-se em duas manifestações apóstatas: um partido que afirmava ser protestante e professava guardar o sábado do sétimo dia, e outra classe que se dizia protestante, mas defendia o dia do sol como o seu dia de culto escolhido.

Naquela história, o chifre protestante que havia saído da Idade das Trevas foi testado de 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844, e não passou no processo de teste, transitando do povo protestante que guarda o domingo para o povo protestante apóstata que guarda o domingo.

Na história do verdadeiro chifre protestante que foi estabelecido e identificado em 1844, ocorreu um processo de prova de 1856 até 1863. Então o verdadeiro chifre protestante guardador do sábado transitou tanto de Filadélfia para Laodiceia, como também do verdadeiro povo protestante guardador do sábado para o chifre protestante apóstata guardador do sábado. Os “sete tempos” estão associados a 1798, 1844, 1856 e 1863. Os “sete tempos” são um símbolo associado a um ponto de transição, e essa verdade está estabelecida com base em várias testemunhas.

Em 1798, houve um aumento do conhecimento sobre os "sete tempos", porque a primeira profecia de tempo que Miller descobriu foi precisamente essa verdade. Até 1863, essa verdade havia sido rejeitada, identificando assim a conclusão do período terminal dos sessenta e cinco anos da profecia exposta no capítulo sete de Isaías.

A profecia completa de dois mil quinhentos e vinte anos possui um período de sessenta e cinco anos tanto no início quanto no fim, de modo espelhado, como uma imagem invertida. No início dos sessenta e cinco anos finais (1798), tipificado pelo início dos sessenta e cinco anos iniciais em 742

a.C., quando a profecia foi dada, houve um aumento de conhecimento sobre os "sete tempos", que os "sábios" Milleritas compreenderam e proclamaram. No final dos sessenta e cinco anos finais, em 1863, houve outro aumento de conhecimento sobre a mesma verdade, o qual foi por fim rejeitado pelos "sacerdotes" recém-coroados do verdadeiro chifre protestante.

O meu povo é destruído por falta de conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Oseias 4:6.

O aumento do conhecimento, quando o livro de Daniel é deslacrado, está associado aos “sete tempos”, que não são apenas um símbolo de um ponto de transição, mas também do deslacramento da mensagem profética.

Outra transição começou em 18 de julho de 2020, com a primeira decepção, que deu início ao "tempo de espera" e marcou o início dos três dias e meio do capítulo onze do Apocalipse, em que as duas testemunhas jazem mortas na rua da grande cidade de Sodoma e Egito.

18 de julho de 2020 marca o início de três dias e meio simbólicos (um 'sete tempos'), ilustrados pela história de 1856 a 1863. Ambos os períodos são símbolos dos 'sete tempos'. Ambos os períodos assinalam uma mudança de dispensação (uma transição). Ambos os períodos representam um aumento do conhecimento associado aos 'sete tempos'.

Foi no período de transição do reino da Babilônia para o reino medo-persa que Daniel fez a oração de Levítico 26, identificando assim a oração de Levítico 26 como um marco da transição dos últimos dias. No sonho de Miller, ao fim de sete ocorrências da palavra "dispersão", Miller chora e ora. O choro marca o momento em que o Leão da tribo de Judá (o homem da vassoura de pó) deslaca uma mensagem que havia sido selada.

A oração de Miller marca a oração de Levítico vinte e seis de Daniel, que está associada a "sete tempos", e ocorre quando a porta e as janelas foram abertas no sonho de Miller. Mas a oração de Daniel, no capítulo nove, também se alinha com a oração de Daniel no capítulo dois. Também se alinha com a oração de confissão de Nabucodonosor ao final de seus "sete tempos".

A oração de Miller foi, portanto, representada pela oração de Levítico 26, que era uma oração pública de confissão e uma oração de súplica pela abertura do último segredo profético, porque toda profecia ilustra os últimos dias. Portanto, o segredo de Daniel capítulo dois representa o último segredo a ser aberto. A oração de Miller, em seu sonho, era uma oração de ansiedade e justa indignação a respeito das abominações que haviam acontecido com as joias em seu quarto. Sua ansiedade foi ilustrada por aqueles que suspiram e choram em Ezequiel capítulo nove, durante o tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil.

Miller observou enquanto as verdades eram progressivamente sepultadas por doutrinas contrafeitas, o que acabou chegando a um ponto em que o cofre (a própria Bíblia) foi destruído. A destruição do cofre de Miller ocorreu na terceira geração do Adventismo, quando houve um movimento deliberado para pôr de lado a Bíblia King James em favor das versões modernas, corrompidas e de base católica da Bíblia.

Miller chorou, depois orou, e imediatamente uma porta se abriu, e todos saíram. Então o homem da vassoura de lixo (o Leão da tribo de Judá) entrou, abriu as janelas e começou a limpar. Então Miller expressou sua preocupação com as joias espalhadas, e o homem da vassoura de lixo prometeu que cuidaria das joias. Na agitação do trabalho de limpeza do homem da vassoura de lixo, Miller fechou os olhos por um momento e, quando abriu os olhos, o lixo havia desaparecido. As joias estavam espalhadas pela sala, e o homem da vassoura de lixo então colocou a caixa maior sobre a mesa, recolheu as joias e lançou-as na caixa e disse: "venham e vejam."

A expressão "venha e veja" é um símbolo de que uma verdade acaba de ser deslacrada. A verdade que é deslacrada para Miller é a verdade final, pois a próxima coisa a acontecer é o despertar de Miller ao "brado", representando o alto clamor. Miller foi o último a receber a mensagem do Clamor da Meia-Noite na história dos mileritas, e pouco antes do brado que o desperta no sonho, ele fechou os olhos por um momento. A única passagem na Bíblia que faz referência a "um momento" e "olhos" identifica a primeira ressurreição.

Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, à última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este mortal se revista da imortalidade. 1 Coríntios 15:51-53.

Na história da transição do movimento laodiceano do terceiro anjo para o movimento filadelfiano do terceiro anjo, conforme representado em Apocalipse capítulo onze, Miller representa o derradeiro entre as virgens prudentes a receber a mensagem do Clamor da Meia-Noite. Os primeiros a recebê-la foram os mais espirituais.

"Isto foi o clamor da meia-noite, que havia de dar poder à mensagem do segundo anjo. Anjos foram enviados do céu para despertar os santos desanimados e prepará-los para a grande obra diante deles. Os homens mais talentosos não foram os primeiros a receber esta mensagem. Anjos foram enviados aos humildes e consagrados e impeliram-nos a levantar o clamor: 'Eis que o Noivo vem; saí ao Seu encontro!' Os que foram incumbidos do clamor apressaram-se e, no poder do Espírito Santo, fizeram soar a mensagem e despertaram seus irmãos desanimados. Esta obra não se firmava na sabedoria e na erudição dos homens, mas no poder de Deus, e Seus santos que ouviram o clamor não puderam resistir-lhe. Os mais espirituais receberam esta mensagem primeiro, e os que anteriormente haviam liderado na obra foram os últimos a recebê-la e ajudar a engrossar o clamor: 'Eis que o Noivo vem; saí ao Seu encontro!'" Primeiros Escritos, 238.

Ao final dos três dias e meio simbólicos de Apocalipse capítulo onze, proclama-se a primeira de duas mensagens, representada em Ezequiel capítulo trinta e sete. A primeira mensagem reúne os ossos mortos e espalhados, mas eles continuam mortos. A mensagem foi apresentada pela voz que clamava "no deserto", identificando assim que a mensagem de Ezequiel começa antes de os três dias e meio simbólicos se concluírem. Esses três dias e meio representam um "deserto", e é do "deserto" que a mensagem é proclamada. O "deserto" é também um símbolo dos "sete tempos", os quais marcam uma transição e um desselamento que introduz um processo de provação.

Há um desenvolvimento progressivo da mensagem e uma recepção progressiva, como ilustrado pelo Clamor da Meia-Noite na história milerita. Os mais espirituais foram os primeiros a receber a mensagem da voz que clama no deserto, e os historiadores do adventismo apontam para uma carta escrita por William Miller poucos dias antes de 22 de outubro de 1844, em que Miller testemunha que finalmente entendeu e aceitou a mensagem do Clamor da Meia-Noite de Samuel Snow.

Caro Irmão Himes: Vejo uma glória no sétimo mês que nunca tinha visto antes. Embora o Senhor me tivesse mostrado o alcance tipológico do sétimo mês, há um ano e meio, ainda assim eu não percebia a força dos tipos. Agora, bendito seja o nome do Senhor, vejo uma beleza, uma harmonia e uma concordância nas Escrituras, pelas quais há muito tenho orado, mas que não via até hoje. Ó minha alma, agradece ao Senhor. Sejam abençoados o Irmão Snow, o Irmão Storrs e outros, por terem sido instrumentos para abrir-me os olhos. Estou quase em casa. Glória! Glória! Glória! Glória! William Miller, Sinais dos Tempos, 16 de outubro de 1844.

Na repetição da história do Clamor da Meia-Noite, como representado no sonho de Miller, Miller fechou os olhos por um momento. Assim, "num momento, num piscar de olhos, à última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão." No sonho de Miller, ele representa os últimos a receber a mensagem do Clamor da Meia-Noite, como o fez em sua própria história. Ele representa os que, por fim, aceitam a mensagem pouco antes de o homem com a vassoura de lixo recolher as joias espalhadas e lançá-las na caixa maior. No capítulo onze de Apocalipse, os últimos a aceitar a segunda mensagem de Ezequiel, que é a mensagem dos quatro ventos do Islã, e que também é a mensagem do selamento, fazem-no pouco antes de soar a última das sete trombetas, que é a trombeta do "terceiro Ai". "Num momento, num piscar de olhos, à última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados." (1 Coríntios 15:52)

A passagem identifica a primeira ressurreição que ocorre na segunda vinda, mas há também uma ressurreição dos ossos secos mortos (as duas testemunhas) que ocorre na hora do grande terremoto de Apocalipse capítulo onze. Na "hora" desse terremoto, soa a última das sete trombetas, e as testemunhas mortas que estavam na rua são trazidas de volta à vida, não como laodicenses, mas como filadelfianos, pois, ao toque da trombeta do terceiro Ai, as duas testemunhas foram seladas e são transformadas em incorruptíveis, pois nunca mais pecarão. Miller representa os últimos a receber a mensagem que traz as duas testemunhas à vida, que é a mensagem dos quatro ventos do Islã e é a mensagem seladora.

O som daquela trombeta ergue os últimos ossos secos dos mortos que haviam sido dispersos na rua de Sodoma e do Egito. Miller observou enquanto as verdades eram progressivamente enterradas por doutrinas falsas. Por fim, Miller chorou, marcando o tempo em que a deslactação deveria começar, pois a deslactação é uma obra progressiva. Essa deslactação começou no período final dos três dias e meio.

Depois que Miller chorou, Aquele que tinha o poder de romper os selos do livro selado entrou na narrativa. No sonho de Miller, era o Homem da Escova de Poeira. Miller então orou e imediatamente uma porta se abriu, marcando o ponto em que o movimento laodiceano do terceiro

anjo faria a transição para o movimento de Filadélfia do terceiro anjo. Sua oração foi a oração de Levítico 26; foi a oração pela compreensão do segredo profético final e uma confissão pública da rebelião que trouxe os três dias e meio sobre as duas testemunhas; foi a oração dos que são selados no capítulo nove de Ezequiel.

Após a oração, Cristo (o varredor) entrou e começou a limpar o quarto. Ao final do projeto de limpeza do varredor, Miller fechou os olhos por um momento, identificando o fim do período em que os ossos secos e mortos deveriam ser ressuscitados. O varredor então reuniu as joias espalhadas no quarto de Miller e as colocou em um cofre novo e maior, sobre uma mesa no centro do quarto de Miller, enquanto as duas testemunhas são erguidas como o estandarte. Como estandarte, então conclamam o outro rebanho de Deus que ainda está na Babilônia para que "venham e vejam" a mensagem que o Leão da tribo de Judá acaba de lançar no cofre novo e maior.

Começaremos a considerar, no próximo artigo, a visão do rio Ulai como o símbolo das verdades do livro de Daniel que foram desseladas em 1798. Estabelecemos alguns pontos de referência previamente a essa consideração. O primeiro é que a mensagem dos mileritas era perfeita (em seu estágio de crescimento), porém incompleta. Ela foi colocada no quadro de dois, e não três, poderes desoladores. O segundo é que, quando o sonho de Miller identifica a restauração final das verdades fundamentais, as verdades fundamentais então são "dez vezes mais brilhantes" do que sua glória original. Um terceiro ponto é que o movimento do primeiro anjo (o movimento milerita) se repete no movimento do terceiro anjo, mas com algumas ressalvas importantes. Os mileritas, como símbolo, eram filadelfianos; eram um Nabucodonosor convertido, mas que, em última instância e infelizmente, "reconstruíram Jericó" em 1863.

O movimento do terceiro anjo começou como laodiceano, necessitado de conversão, mas por fim participaria da destruição final de Jericó (o Jericó dos últimos dias).

O Salvador não viera para abolir o que patriarcas e profetas haviam falado; pois Ele mesmo falara por meio desses homens representativos. Todas as verdades da Palavra de Deus provinham dEle. Mas essas joias de valor inestimável haviam sido colocadas em engastes falsos. Sua luz preciosa fora feita para servir ao erro. Deus desejava que fossem removidas de seus engastes de erro e recolocadas no arcabouço da verdade. Essa obra só uma mão divina poderia realizar. Por sua ligação com o erro, a verdade vinha servindo à causa do inimigo de Deus e do homem. Cristo viera colocá-la onde glorificasse a Deus e operasse a salvação da humanidade. O Desejo das Eras, 287.